

Desmatamento abre caminho a novo vírus

Entrevista O infectologista e escritor Stefan Cunha Ujvari diz que é preciso incluir a saúde no 'S' no ESG

Novos vírus seguem rota do desmatamento

Eliane Sobral
Para o Prática ESG, de São Paulo

Além do crachá do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, onde é infectologista, o nome de Stefan Cunha Ujvari costuma ser visto também nas livrarias. Autor de "A História da Humanidade Contada Pelos Vírus", "Meio Ambiente e Epidemias", e "História das Epidemias", entre outros, Ujvari, que é mestre em doenças infecciosas pela Escola Paulista de Medicina, diz que não é possível dissociar mudanças climáticas, desigualdades sociais e desmatamentos ao surgimento de novas pandemias. "Quando se fala de ESG, deveríamos acrescentar um 'S' para Saúde", disse ele em entrevista ao Prática ESG.

Negligenciar essa correlação é abrir caminho para novas infecções, alerta. Ele cita os casos do monkeypox, vírus causador da varíola dos macacos, e do aumento de casos de febre amarela, relacionando ao desmatamento. "Por que a febre amarela explodiu? Por conta dessas 'fronteiras' abertas. Fala-se em injustiça climática. Pode acrescentar injustiça sanitária. Todo mundo paga a conta."

Confira os principais trechos da entrevista:

Prática ESG: É consenso entre pesquisadores que não se trata de saber se haverá novas epidemias e sim de quando elas chegarão. O que fazer para minimizá-las?

Stefan Ujvari: No exato momento em que conversamos está acontecendo o avanço de dois novos tipos de vírus que saíram do Pará e que já circulam pela Bahia, Minas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. Um é o mayaro e o outro é o oropouche. Quem transmite é o Aedes aegypti. Vamos começar a conversa com seguinte informação: somos 8 bilhões de humanos que precisamos de alimentar, habitar. Isso já implica em números recordes de desmatamento e crescimento veloz da urbanização em todas as partes do mundo, especialmente nos países mais pobres, onde o desmatamento é cada vez maior e mais rápido. Quando desmatamos, entramos em contato, ou trazemos para perto, animais selvagens que são portadores de vírus. Não tem segredo.

Prática ESG: A conta não fecha. Como o senhor mesmo falou, a humanidade precisa se alimentar, habitar.

Ujvari: A conta não fecha porque temos pelo menos dois pontos cruciais: primeiro negligenciar a relação de causa e efeito entre pobreza, desmatamento e o surgimento de doenças infecciosas. A febre amarela voltou a circular desde 2017 no Brasil e só agora surgiram os resultados dos primeiros trabalhos para entender por quê. Sabe o que esses trabalhos mostram? Que é o fracionamento das matas, o desmatamento fracionado, que está ampliando os canais de contato do homem com a mata e para os animais da mata

saírem com seus vírus. Por que a febre amarela explodiu? Por conta dessas "fronteiras" abertas. Fala-se em injustiça climática. Pode acrescentar injustiça sanitária. Todo mundo paga a conta.

Prática ESG: A negligência a que o senhor se refere está na falta de combate ao desmatamento?

Ujvari: Não só. Desde a década de 1970 a Nigéria não registrava nenhum caso do monkeypox, que vive em roedores. Em 2017, apareceram os primeiros casos por lá, ninguém ligou. Em 2018, o número de casos cresceu. Ninguém deu bola. Só ligaram o alerta quando registraram um caso em Israel, outro nos Estados Unidos e quatro casos no Reino Unido. Só que já era tarde. É muita ingenuidade acreditar que as doenças que surgem na África ficarão por lá e que basta cuidar do meu quintal.

Prática ESG: Qual é o caminho para equilibrar produção agrícola, pecuária e preservação ambiental?

Ujvari: Do ponto de vista estritamente produtivo, temos as agroflorestas que estão crescendo em importância por aqui. Produzir e preservar é possível? Sim, e essas técnicas mostram isso. A agricultura e a pecuária não são muito bem regulamentadas e fiscalizadas do ponto de vista sanitário, embora não se possa dizer o mesmo sobre o desmatamento.

Prática ESG: Com mais de 15 milhões de mortos pela covid-19 no mundo, não deveríamos ter medidas preventivas em nível global?

Ujvari: Sim e a OMS [Organização Mundial da Saúde] já preparou vários protocolos. O problema é que não se dá a devida atenção ao tema. Você percebe uma mobilização muito grande em torno dos efeitos das mudanças climáticas, mas não vê a mesma mobilização quando o tema é saúde. Quando se fala de ESG, acho que deveríamos acrescentar um 'S' para Saúde. O social deve ir além de diversidade e inclusão. Precisa tratar da pobreza como um problema de saúde pública. As injustiças climáticas alcançam o mundo, e as injustiças sanitárias também.

Prática ESG: Se o senhor pudesse enumerar, quais são as ameaças sanitárias mais iminentes?

Ujvari: Lembra do Mers [Síndrome Respiratória do Oriente Médio]. Todos os anos há casos de Mers. Este ano houve um no Catar, onde vai ocorrer Copa do Mundo, dentro de alguns meses. Esse vírus vem do camelo. Provavelmente vão levar mais camelos para o Catar para os turistas passearem. Será que vai haver aumento de casos de Mers? Um paciente na Coreia teve Mers. Ele passou por três hospitais, sem diagnóstico. Por quê? Porque aquela doença, aquele vírus era típico de uma região muito distante da Coreia, era do Oriente Médio, e demorou até que se fizesse o diagnóstico correto. A mesma coisa com o monkeypox. Demorou que se ligasse o nome ao vírus, porque não era um vírus daquela região,



Para Ujvari, padrão a se observar para evitar epidemias é o de asiáticos

do mayaro e do oropouche. Acho que falta conscientização mesmo. Há outros dois vírus, o hantavírus e o arenavírus, que também estão circulando. Ambos se alojam em roedores. Não causam problemas diretos em plantações, mas é preciso que os agricultores isolem bem os seus grãos, para evitar os roedores e o contato destes com os humanos. Outro exemplo é o vírus Sabiá, que tem uma mortalidade grande e que vimos na década de 1990. Em janeiro de 2020,

Paulo, com febre, hemorragia e óbito. O que aconteceu para ele reaparecer? O que mudou foram as condições para que ele voltasse a circular, especialmente os desmatamentos que avançaram muito nos últimos anos. Se você desmata uma região, os animais silvestres se espalham e com eles se espalham os vírus.

Prática ESG: Aprendemos algo como sociedade coronavírus?

Ujvari: Os efeitos da pandemia foram devastadores. Os custos humanos e econômico foram enormes. Certamente aprendemos, mas ainda estamos absorvendo todos os impactos. E leva tempo até absorvê-los.

Prática ESG: O que as corporações privadas podem fazer para mudar esse quadro?

Ujvari: Nos últimos quatro anos, a cobertura vacinal caiu no Brasil. O que a iniciativa privada pode fazer? Campanha. Não precisa gastar, porque a vacina é de graça. Quando você vai a uma clínica privada, eles cobram a aplicação, a seringa, a agulha e não a vacina. Existe empresa que relaciona a cobertura vacinal à remuneração variável. Às vezes as pessoas pensam em grandes ações, mas há coisa muito simples, que precisa e deve ser feita, como promoção de saúde entre

balhadores em mercados manuseiam aves contaminadas e se infectam — a mortalidade é alta, mais de 40%. Essas duas variantes não passam de pessoa para pessoa. Mas pode haver mutação. Outra frente de perigo está nas mudanças climáticas e suas consequências. Em 2002, houve um El Niño violento, que causou grande seca no Quênia. O pessoal do interior migrou para a cidade litorânea de Lamu. Para acomodar toda essa gente, foi se ampliando o espaço urbano até chegar perto demais das áreas interiores. Daí houve a disseminação do Aedes aegypti que se espalhou para a costa da Índia, para Oceania.

Prática ESG: O senhor, como pesquisador e estudioso do tema, tem sido procurado pela iniciativa privada para o desenvolvimento de trabalhos conjuntos?

Ujvari: Não, e acho que é por falta de informação e conhecimento. Por exemplo, pouca gente sabe que há um novo vírus circulando por áreas urbanas, como é o caso

do mayaro e do oropouche. Acho que falta conscientização mesmo. Há outros dois vírus, o hantavírus e o arenavírus, que também estão circulando. Ambos se alojam em roedores. Não causam problemas diretos em plantações, mas é preciso que os agricultores isolem bem os seus grãos, para evitar os roedores e o contato destes com os humanos. Outro exemplo é o vírus Sabiá, que tem uma mortalidade grande e que vimos na década de 1990. Em janeiro de 2020,

Paulo, com febre, hemorragia e óbito. O que aconteceu para ele reaparecer? O que mudou foram as condições para que ele voltasse a circular, especialmente os desmatamentos que avançaram muito nos últimos anos. Se você desmata uma região, os animais silvestres se espalham e com eles se espalham os vírus.

Prática ESG: Aprendemos algo como sociedade coronavírus?

Ujvari: Os efeitos da pandemia foram devastadores. Os custos humanos e econômico foram enormes. Certamente aprendemos, mas ainda estamos absorvendo todos os impactos. E leva tempo até absorvê-los.

Prática ESG: O que as corporações privadas podem fazer para mudar esse quadro?

Ujvari: Nos últimos quatro anos, a cobertura vacinal caiu no Brasil. O que a iniciativa privada pode fazer? Campanha. Não precisa gastar, porque a vacina é de graça. Quando você vai a uma clínica privada, eles cobram a aplicação, a seringa, a agulha e não a vacina. Existe empresa que relaciona a cobertura vacinal à remuneração variável. Às vezes as pessoas pensam em grandes ações, mas há coisa muito simples, que precisa e deve ser feita, como promoção de saúde entre

funcionários e familiares. O custo da doença é sempre muito maior que a prevenção. E a pandemia mostrou isso claramente.

Prática ESG: Só campanha educativa basta?

Ujvari: Parece pouco, mas não é. Uma coisa extremamente interessante: sistema educacional de funcionários e de familiares sobre todos os perigos infecciosos do dia a dia. Água pode causar diarreia? Pode, e o gelo também, porque bactérias sobrevivem ali. Vai fazer

quina de gelo. Quais animais oferecem risco quando você vai fazer uma trilha? Como tira carrapato da pele? Não pode espremer se não ele se estressa e solta mais fluido na pele. Campanhas educativas dentro das empresas podem fazer uma diferença enorme. E, obviamente, tratar as ameaças sanitárias com a mesma dedicação que se faz em alterações climáticas.

Prática ESG: O que o próximo governo deve priorizar para lidar com eventuais epidemias no Brasil?

Ujvari: O padrão a se observar é o dos países asiáticos. Eles correram o risco daquela epidemia de 2003, da Sars [Síndrome respiratória aguda grave]. Eram 9 mil casos, com 10% de morte — uma letalidade gigantesca. Na ocasião, prepararam todos os protocolos para quando aparecesse outro tipo de vírus. E quando surgiu o coronavírus, tinham a estratégia pronta. E ainda fizeram campanhas na TV e incentivaram jovens a prestar serviços aos mais idosos — o espírito coletivo, que não temos muito no Ocidente. Aqui, vou a uma balada e moro com a minha avó.

valor.com.br
Confira a coluna Estante com a indicação de livros sobre ESG no site: <https://valor.globo.com/esg/>

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Prática ESG Caderno: H Pagina: 8